



REQUERIMENTO Nº

Requeiro, nos termos do artigo 222 do Regimento Interno, seja inserido em ata Voto de Solidariedade aos jogadores de futebol brasileiros, Tinga, Arouca e ao árbitro Márcio Chagas da Silva, em razão das ofensas de racismo sofridas; e de homenagem ao centenário de nascimento de Abdias do Nascimento, nesta sexta-feira, 14 de março.

Justificação

Na última semana, dois casos de racismo abalaram o futebol brasileiro. O primeiro foi contra o árbitro da Federação Gaúcha de Futebol, Márcio Chagas da Silva, ofendido durante a partida entre o Clube Esportivo Bento Gonçalves e o Veranópolis Esporte Clube Recreativo e Cultural, realizada em 5 de março, em Bento Gonçalves, RS. O outro foi com o jogador Arouca, do Santos Futebol Clube, após o confronto contra o Mogi Mirim Esporte Clube pelo Campeonato Paulista. No mês de fevereiro último tivemos, também, ofensas ao volante Tinga, do Cruzeiro Esporte Clube, durante uma partida pela Copa Libertadores da América.

Infelizmente atitudes racistas, mesmo repudiadas pela sociedade, têm sido registradas há vários anos no futebol. Um dos casos mais polêmicos foi, em 2005, com o jogador Grafite, que atuava pelo São Paulo Futebol Clube. Ele foi alvo de ofensas racistas do jogador Leandro Desábato, do Quilmes Atlético Club, time da Argentina, durante jogo pela Taça Libertadores da América.

Os dois casos recentes de racismo que ocorreram em território nacional expuseram, só agora, algo que é mais frequente do que se imagina. Jogadores, técnicos ou árbitros negros ouvem constantemente ofensas racistas dentro de campo ou na ida ao vestiário. Mas, ao contrário do que aconteceu na semana passada, os casos dificilmente tornam-se públicos.

O jogador Arouca, em comunicado após o jogo em que sofreu ofensas racistas, criticou a intolerância dos torcedores:

(Abrir aspas) “Na saída do jogo desta quinta-feira, contra o Mogi Mirim, fui alvo de insultos racistas de um torcedor do time adversário. É lamentável e





inaceitável que ainda haja espaço para esse tipo de coisa hoje em dia. Isso só mostra que o ser humano ainda tem muito a evoluir e a crescer, que não estamos nem perto de um mundo que viva a harmonia entre as pessoas e todas as suas diferenças.

Tenho muito orgulho das minhas origens africanas, que foi o que o sujeito tentou usar para me ofender, dizendo que eu deveria procurar alguma seleção de lá para jogar. Dando a entender que um negro igual a mim não serve para defender a seleção brasileira. Como se algumas das páginas mais bonitas da história da nossa seleção não tivessem sido escritas por jogadores como Leônidas, Romário e pelo Rei Pelé, também negros. Não ouvi os gritos de 'macaco' que alguns repórteres disseram ouvir, mas, caso tenha realmente acontecido, é ainda mais triste.

Eu sei muito bem de onde venho e de toda a minha luta para chegar aonde cheguei. Por isso, senti na pele o que aconteceu comigo hoje - logo depois do que fizeram com o Tinga outro dia e também do caso do juiz no Rio Grande do Sul - me deixa muito decepcionado. Acabou com a alegria pela boa atuação do nosso time, pelo belo gol que fiz, ou seja, pelo que deveria ser a essência do esporte.

O futebol é um espelho da nossa realidade, e isso não se resume apenas a xingamentos racistas. Continuam matando e morrendo por torcerem por um time diferente do outro. Espero, sinceramente, que casos como esses sejam severamente punidos, pois, enquanto isso não acontecer, nada vai mudar. A impunidade e a conivência das autoridades com as pessoas que fazem esse tipo de coisa são tão graves quanto os próprios atos em si. Somente discursos e promessas não resolvem a falta de educação e de humanidade de alguns.” (fechar aspas)

É lamentável que a menos de 100 dias da Copa do Mundo, no chamado "país do futebol", tenhamos que presenciar atitudes dessa natureza. É preciso instar a todos os brasileiros a receberem, muito bem, as pessoas de todos os países participantes da Copa do Mundo, com respeito e com educação.





O esporte, em especial o futebol – conforme o próprio Nelson Mandela procurou estimular – é uma das maiores formas de confraternização e entendimento entre os povos, muito bem retratada no filme “*Invictus*”, de 2009, que mostra o jogo entre um time da África do Sul e da Nova Zelândia durante a Copa do Mundo de Rugby de 1995. Nesse jogo, a torcida pelo time sul-africano uniu todo o país não importando a cor da pele.

Quero solidarizar-me com o juiz Márcio Chagas da Silva, com os jogadores Arouca e Tinga, e tantos outros que na história do futebol, tenham sido vítimas destas manifestações e atitudes racistas. Vamos refletir, vamos pensar a importância de se respeitar cada ser humano. Não importa sua origem, raça, cor e condição socioeconômica. É preciso que mostremos que esta não é a verdadeira realidade do futebol brasileiro.

Os recentes casos de racismo no futebol brasileiro e sul-americano levaram a CBF a tomar uma providência. O uniforme da arbitragem durante a Copa do Brasil, que começa nesta semana, terá o emblema do combate contra a discriminação por cor. Em todos os estádios, os jogadores de todos os times estão pedindo aos torcedores que evitem atos de preconceito.

Quero também homenagear Abdias do Nascimento, que nesta sexta-feira, se estivesse vivo, completaria 100 anos.

Abdias foi um dos maiores defensores da cultura e igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil, nome de grande importância para a reflexão e atividade sobre a questão do negro na sociedade brasileira. Teve uma trajetória longa e produtiva, indo desde o movimento integralista, passando por atividade de poeta, ativista do Movimento Negro Unificado, ator e escultor.

Após 10 anos no exílio, Abdias entrou, em 1978, na vida política brasileira. Foi deputado federal, de 1983 a 1987, e senador da República, de 1997 a 1999, assumindo a vaga após a morte de Darcy Ribeiro. Em 2006, em São Paulo, participou da instituição do dia 20 de Novembro como o Dia Oficial da Consciência Negra. Recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Brasília. Foi também professor benemérito da Universidade do Estado de Nova Iorque.





Tive a felicidade de ter sido colega de Abdias do Nascimento aqui no Senado. Estivesse hoje ele vivo, tal como o Senador Paulo Paim o fez, ele também estaria se pronunciando de forma solidária às vítimas do racismo e conclamando a todos os brasileiros para que tenhamos comportamento civilizado e respeitoso para com todos os povos, ainda mais neste ano em que o Brasil sediará a Copa do Mundo.

Envio meus cumprimentos a Elisa Larkin Nascimento, sua esposa, que à frente do IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, organiza a exposição “Abdias Plural e Único”, a ser aberta nesta sexta-feira, no Centro Cultural Ação da Cidadania, no Rio de Janeiro, em memória de seu centenário.

Sala das Sessões, 11 de março de 2014

Senador Eduardo Matarazzo Suplicy



SF/14725.45135-39